

As Diferenças Individuais e o Discurso Pedagógico, à luz da Análise de Cinco Filmes*

NILDES RAIMUNDA PITOMBO LEITE
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO (UNIFESP)
nildespitombo53@gmail.com

ANA PAULA DOS SANTOS GARDINI
UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO (UNINOVE)
anapaula.gardini@hotmail.com

Introdução

A utilização de filmes apresenta-se como oportuna nesta pesquisa, pois, na academia nota-se um crescimento gradual em torno dos estudos observacionais envolvendo análise fílmica. As temáticas deste artigo são as diferenças individuais e o discurso pedagógico, à luz da análise de cinco filmes, como parte de um projeto de apropriação da linguagem fílmica no processo de ensino-aprendizagem em Administração.

Problema de Pesquisa e Objetivo

Partindo-se da consideração de que a aproximação dos filmes com a realidade, por intermédio da linguagem fílmica, e a influência que os docentes exercem na preparação dos discentes, o objetivo deste artigo é investigar como são tratadas as diferenças individuais com base nos discursos pedagógicos dos cinco filmes escolhidos. Espera-se, com essa investigação, poder contribuir para a revitalização do processo de ensino-aprendizagem e pesquisa em Administração.

Fundamentação Teórica

Para o discurso pedagógico fazem-se necessárias ser tratadas as diferenças individuais no processo de ensino aprendizagem. Libâneo (2012) afirma se preciso considerar que a formação cultural e científica se destina a sujeitos diferentes tanto enquanto pessoa humanas como nas condições educativas. No que tange o discurso pedagógico, Blasco (2006) diz que os interlocutores devem buscar um discurso menos polêmico.

Metodologia

Inicia-se o trato dos aspectos metodológicos desta pesquisa considerando a abordagem de pesquisa, estudos observacionais, método fenomenológico e análise fílmica estão alinhados para cinco filmes em suas totalidades: 'Meu Mestre', 'Vem Dançar', 'Entre os Muros da Escola', 'Educação' e 'Uma Professora Muito Maluquinha'. Utilizou-se como estratégia de coleta de dados a observação indireta, não-participante, indicada por Denzin (2004) para filmes, analisados por meio da fundamentação das proposições teóricas, com base em Yin (2010).

Análise dos Resultados

Com base na análise das cenas registradas no protocolo de pesquisa, foi possível a identificação de evidências de elementos das diferenças individuais com base nos discursos pedagógicos dos cinco filmes escolhidos. Dos cinco filmes analisados somente em dois houve ausência dos desafios de cada proposição teórica escolhida para este artigo.

Conclusão

Conclui-se, pela análise fílmica realizada que houve identificação de evidências, em todos os cinco filmes, do longo caminho ainda a ser percorrido para que as diferenças individuais e o discurso pedagógico possam ser reconhecidos como promotores de um processo salutar e revitalizador de ensino-aprendizagem, considerando-se a perspectiva de utilização desses lócus de pesquisa como próximos da realidade social.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, M. J. P. M. Discurso pedagógico e formação de professores das ciências da natureza: foco no professor de física. Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, v. 5, n. 2, p. 29-41, 2012.
BLASCO, G. P. Educação da afetividade através do cinema. Curitiba: Instituto de Ensino e Fomento, 2006.
LIBÂNEO, J. C. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. Educação e Pesquisa, v. 38, n. 1, p. 13-28. São Paulo: 2012.

Área temática: Estudos Organizacionais – Comportamento Organizacional

Título:

As Diferenças Individuais e o Discurso Pedagógico, à luz da Análise de Cinco Filmes*

*Pesquisa financiada pelo CNPq

1 Introdução

Na academia nota-se um crescimento gradual em torno dos estudos observacionais envolvendo análise fílmica “para que, como ciência pedagógica possa ser reproduzida eficazmente”, como apontado por Blasco (2006, p. 41). Nesse contexto de reprodutibilidade é que se insere o presente artigo.

As temáticas deste artigo são as diferenças individuais e o discurso pedagógico, à luz da análise de cinco filmes, como parte de um projeto de apropriação da linguagem fílmica no processo de ensino-aprendizagem em Administração. Esses filmes são: 1) Meu Mestre, Minha Vida (Avildsen, 1990); 2) Vem Dançar (Friedlander, 2006); 3) Entre os Muros da Escola (Cantet, 2008); 4) Educação (Scherfig e Hornby, 2009); 5) Uma Professora Muito Maluquinha (Ziraldó; Gessy, 2010).

A literatura científica nos últimos seis anos tem ajudado a justificar a contribuição da análise fílmica nesse campo de pesquisa, como visto, por exemplo, nos trabalhos de: Freitas e Leite (2015); Meira e Meira (2014); Amaral e Leite (2013); Machado e Matos (2012); Matos, Lima e Giesbrecht (2011); Leite e Leite (2010).

Partindo-se da consideração de que a aproximação dos filmes com a realidade, por intermédio da linguagem fílmica, e a influência que os docentes exercem na preparação dos discentes, o objetivo deste artigo é investigar como são tratadas as diferenças individuais com base nos discursos pedagógicos dos cinco filmes escolhidos. Espera-se, com essa investigação, poder contribuir para a revitalização do processo de ensino-aprendizagem e pesquisa em Administração.

Para o alcance do objetivo e concomitante resposta à questão de pesquisa embutida neste objetivo, os filmes foram tratados como *lócus* de pesquisa para ilustração da realidade. Assim, o investimento de tempo com os filmes utilizados foi: 1) Meu Mestre, Minha Vida (545 min.); 2) Vem dançar (580 min.); 3) Entre os Muros da Escola (640 min.); 4) Educação (500 min.); 5) Uma Professora Muito Maluquinha (440 min.). O total dos 2.705 minutos foi distribuído entre o tempo total de cada filme, adicionado pelo tempo em que cada um foi visto e microanalisado para compor os respectivos protocolos de observação.

Para além desta introdução, este artigo apresenta sua estrutura organizada em mais quatro seções: fundamentação teórica da pesquisa, por sua vez, subdividida em diferenças individuais e discurso pedagógico; aspectos metodológicos da pesquisa; apresentação e análise dos dados e discussão dos resultados; considerações finais, sequenciadas pelas referências utilizadas.

2 Fundamentação teórica da pesquisa

Para o discurso pedagógico as diferenças individuais fazem-se necessárias. Desse modo é preciso que seja levado em consideração o que foi visto, em Cunha, 2006 (p. 529-530) “[...] a competência situa-se, justamente em agir diferenciadamente para cada situação, a partir da leitura da cultura e das condições de produção do conhecimento que se estabelece entre o

professor e seus estudantes”. Dito por Krishnamurti (1980, p. 97) “a educação correta pode ajudar o estudante não só a desenvolver suas aptidões, mas também a compreender aquilo que lhe desperta maior interesse. [...] a educação correta está em nossas próprias mãos, nas mãos dos pais e dos mestres”. Esse despertar pode levar à flexibilidade e à eficiência e à eficácia do discurso pedagógico pelo professor e, para o estudante, a interiorizar a educação.

Ao falar sobre a filosofia pedagógica preconizada pela educadora Antipof, Campos (2003, p. 24) ressaltou aspectos como: “[...] a ênfase na atividade e autonomia do educando, a atitude democrática, o respeito à diferença, a fé na ciência como instrumento de melhoria da vida”. Esses aspectos, tanto podem conduzir ao processo consciente de ensino-aprendizagem, quanto à revitalização contínua desse processo. Assim, esta fundamentação teórica está distribuída em duas partes: 2.1 Diferenças Individuais e 2.2 Discurso Pedagógico.

2.1 Diferenças Individuais

Como premissa básica e, em suas extraordinárias diferenças individuais, todas as crianças aprendem, independente do que possa dizer a pedagogia. Lamentavelmente, muitos educadores acabam por esquecer-se dessa premissa e reduzem a imensa capacidade de aprender de uma criança, ao seu repertório de habilidades para ler e escrever ou fazer cálculos aritméticos. Como mostrado por Fernandes (2003, p. 4) “[...] em nome do desconhecimento sobre a condição humana, não se podem mais sacrificar as singularidades humanas, interditando suas expressões”. E, como afirmado por Coelho (2008, p. 243-244), “[...] quanto mais capacitação os professores recebem em aprendizagem pela prática e sobre o conteúdo, mais provavelmente eles se engajarão em promover ensino-aprendizagem ativo, que estimula estudantes a crescer independentemente de seus *backgrounds*”. Fernandes (2003, p. 11), trazido para ajudar na discussão envolvida neste parágrafo, considerou que “todas as pessoas são diferentes umas das outras, incompletas, imperfeitas e assim se faz a caracterização de seres humanos [...]”

No entanto, conforme alertado por Mattos (2005, p.219) “tanto o discurso quanto a prática das professoras são construídos como se a incapacidade cognitiva fosse inerente ao aluno (a)”. Nessa prerrogativa, como construir a confiança nos ambientes educacionais? Como atuar com ousadia para lidar com outro fator que implica a forma de educar cada indivíduo? Como perceber esse fator, sob tão árido ambiente?

Como é afirmado por Muller (2006 p. 90) “a construção da autoconfiança não é apenas o fim da educação, mas também o meio. [...] O professor deve apelar à criatividade dos alunos e ter a ousadia de perguntar a eles que soluções proporem”. E essa interação entre professor e aluno leva à confiança mútua, pois, como dito por Krishnamurti (1980, p. 91) “havendo confiança mútua qualquer dificuldade ou divergência, em vez de ser eliminada de maneira superficial, será devidamente levada em consideração e a confiança restabelecida”. Assim, a solução para dificuldade e divergência pode vir dos próprios alunos e gerar autoconfiança e interação entre alunos e seus professores.

A pergunta recai essencialmente no foco de como devem ser tratadas as diferenças individuais no processo de ensino aprendizagem. Ao trazer a educadora e psicóloga Antipof (1992) para o centro da atenção dos seus estudos, Campos (2003, p. 212) trouxe também o reforço para essa pergunta ao afirmar que “foi exatamente essa demanda - como diagnosticar e trabalhar com as diferenças individuais na escola - que se colocou para os estudiosos da psicologia da inteligência na época”. Nesse estudo, Campos (2003, p. 19; p. 24) apresentou duas possibilidades de início de resposta à complexa questão: “observando como psicólogos, nossos alunos não têm a preocupação em criticar a [...] aula” (Antipoff, 1992, p. 60, *apud* Campos, 2003, p. 219); “[...] a forma de organização das atividades pedagógicas [...], que

ênfatizava especialmente a liberdade de escolha do educando, a atividade consciente, a sociabilidade e a tomada de decisões em grupo [...]”.

Com ênfase dada a esses aspectos relembra-se o que foi afirmado por Correia e Dias (1998, p. 120) sobre o fato de “[...] as diferenças individuais e a diversidade cultural podem ser usadas para enriquecer e reforçar o ambiente de aprendizagem no sentido do desenvolvimento da tolerância e da aceitação da diferença”.

Assim as diferenças individuais ficariam preservadas na relação de confiança, o que corroboraria Almeida (2012, p. 39), quando defendeu que “cada estudante tem sua história de vida e suas expectativas, que interferem nas posições que assume em sala de aula, posições que fazem parte das condições imediatas intervenientes no discurso pedagógico do professor”. A essa defesa há que ser acrescida ainda outra consideração, trazida por Mattos (2005, p. 221) “[...] a primeira constatação [...] é a grande intolerância das professoras com relação às diferenças individuais dos alunos. Tudo se passa como se todos os alunos e alunas devessem aprender no mesmo ritmo”.

Tal constatação ainda é presente no processo de ensino-aprendizagem, porque, como alertado por Correia e Dias (1998, p. 115), “[...] o professor ainda é o protagonista do processo de ensino-aprendizagem, pois constitui a principal fonte de conhecimento e de experiência e é o responsável máximo pela sua transmissão”. Não só essa perspectiva é unilateral, como injusta e inadequada ao processo de desenvolvimento humano, quaisquer que sejam os campos do conhecimento. Com essa perspectiva, muitos talentos vêm sendo cerceados nas instituições de ensino e não mais se pode conceber essa forma de atuação profissional.

Mais adiante Correia e Dias (1998, p. 117) mostraram a perspectiva capaz de mudar esse cenário: “o professor abandona o seu protagonismo na relação ensino-aprendizagem e passa a ser uma personagem que pensa e estrutura situações de aprendizagem em colaboração com os alunos”. Entretanto, Mattos (2005, p. 227) alertou “[...] para o fato de, com frequência, esses alunos e alunas se tornarem vítimas do despreparo dos professores em lidar com a complexidade da situação pedagógica”. Como argumentado por Libâneo, (2012, p. 26) “[...] é preciso considerar que essa função primordial da escola – a formação cultural e científica – destina-se a sujeitos diferentes, já que a diferença não é uma excepcionalidade da pessoa humana, mas condição concreta do ser humano e das situações educativas”.

2.2 Discurso Pedagógico

Antes de se adentrar no discurso pedagógico faz-se necessário compreender o significado da palavra discurso. Se olhado pela ótica da língua portuguesa, o dicionário Aurélio o mostra como uma exposição metódica acerca de determinado assunto. Pela visão do dicionário de filosofia, Abbagnano (2003 p. 289) o adjetivo discursivo “corresponde ao sentido da palavra grega *dianóia* porque designa o procedimento racional que avança inferindo conclusões de premissas, ou seja, por meio de enunciados negativos ou afirmativos sucessivos e concatenados”. Nesse mesmo dicionário, (p.747-748) o termo pedagogia encerra também “[...] uma reflexão ocasional ou um pressuposto qualquer da prática educacional”.

No que tange ao discurso pedagógico, atenta-se para o que Blasco (2006, p. 23-24) afirmou que “é possível incorporar um conhecimento técnico ou mesmo treinar uma habilidade sem refletir sobre elas; mas é impossível adquirir valores, progredir em virtudes, incorporar atitudes, sem uma prévia reflexão”. Ao mesmo tempo observa-se a afirmação de Orlandi (2011, p. 29) em que “o discurso pedagógico se dissimula como transmissor de informação, e faz isso caracterizando essa informação sob a rubrica da cientificidade”. Assim, é possível entender o papel da reflexão e dos valores na prática educacional. Acrescente-se, a esses argumentos, o que foi dito por Blasco (2006, p. 37) “[...] minha proposta atual é a de buscarmos, professores

e alunos, um discurso pedagógico que seja pelo menos polêmico e que não nos dirige a nos despirmos de tudo que é vida lá fora ao atravessarmos a soleira da porta da escola”.

Nesse discurso também “[...] há um compromisso da linguagem com o processo histórico social; os efeitos do sentido têm origem na constituição dos interlocutores e do contexto como elementos da significação [...]” conforme visto em Orlandi (2011, p. 32). Dentro do espaço dessa significação Arroyo (2008, p.129) afirmou que “[...] não há como sermos educadores sem um sistema de valores éticos e estéticos [...] A inovação e a transgressão podem passar por recuperar a simplicidade da pedagogia. Voltar aos valores básicos pode ser o caminho para mudar o sistema de valores mercantis e utilitaristas impostos ao magistério”.

Longe desse sistema de valores “os mestres e mestras vão se fazendo em suas relações com os educandos, no ato pedagógico. Na relação educativa, intersubjetiva, que funda e instaura a própria condição e identidade docente. Uma relação em que educadores e educandos se educam mutuamente”, conforme Prodoc (2008, p.123-124). Ademais, “havendo confiança mútua qualquer dificuldade ou divergência, em vez de ser eliminada de maneira superficial, será devidamente levada em consideração e a confiança restabelecida”, de acordo com Krishnamurti (1980, p. 91). Com Contreras (2002, p. 97) se fecham as ideias dos autores deste parágrafo, lembrando que “[...] o conhecimento pedagógico disponível dirige a prática, proporcionando os meios para reconhecer os problemas e solucioná-los”.

A confiança entre educadores e educandos passa também pela responsabilidade da instituição. Nesse sentido Contreras (2002, p.131) afirmou: “[...] os conflitos sociais sobre o ensino e seus sentidos são inevitavelmente conflitos que se interiorizarão na profissão.” E nenhuma das partes deve fugir à participação e à responsabilidade para que a transmissão do conhecimento seja realizada sem barreiras ou qualquer interferência. Os conflitos também geram soluções e permitem sua contribuição para que as barreiras ao conhecimento caiam ou percam a importância. A bagagem de cada profissional e a experiência da instituição se fundem, ao invés de se oporem para que o discurso pedagógico seja fácil e claro. Essas ideias podem ser respaldadas por Cunha (2006) quando disse que “assim o poder vincula-se às relações que se instituem na prática pedagógica e o controle refere-se aos dispositivos do discurso pedagógico que regula [...]” essas relações.

Cada uma dessas partes pode olhar o discurso pedagógico de modo diferente. No que se refere às instituições Contreras (2002, p. 159-160) defendeu que “não há possibilidade de transformação profunda na educação se não forem levadas em consideração as organizações institucionais que estão estruturando e mediando a função da escola no contexto mais amplo da sociedade”. No que diz respeito ao discurso pedagógico entre professor e aluno, Blasco (2006, p. 22) declarou que “se o objetivo primordial de um processo de ensino-aprendizagem é a transmissão de conceito, a perspectiva cognitiva deverá reger a metodologia a empregar de modo que a transmissão de conhecimento resulte eficaz [...]”. Por sua vez Cunha (2006, p. 529-530) atribuiu como significado a esse discurso o fato de “[...] que a competência se situa, justamente em agir diferenciadamente para cada situação, a partir da leitura da cultura e das condições de produção do conhecimento que se estabelece entre o professor e seus estudantes”.

A variável atitude, nessa discussão, foi trazida por Blasco (2006, p. 26): “a sinceridade e a franqueza do educador são desafio e condição de eficácia nos projetos educacionais que sintonizam com as noções, dos alunos [...] É necessário honestidade artística quando se apresentam histórias – sejam elas filmes, desenhos, poesias ou cenas de teatro - para apontar atitudes [...]”. A atitude de cada uma das partes vai contribuir para o todo do processo educacional. Para Krishnamurti (1980, p. 97) “a educação correta pode ajudar o estudante não só a desenvolver suas aptidões, mas também a compreender aquilo que lhe desperta maior interesse. [...] a educação correta está em nossas próprias mãos, nas mãos dos pais e dos

mestres”. Esse último autor acrescentou uma quarta parte como responsável pelo discurso pedagógico - a família.

Assim Muller (2006, p.78) afirmou que “a missão da escola é a de transmitir os valores básicos da cultura na qual está inserida, da civilização e da democracia, não podendo ser objeto de negociação com os pais. Os pais não podem alegar o direito de controlar a escola, mais tampouco isto significa que devam ser excluídos do processo educacional”. O reconhecimento da importância do ensino-aprendizagem leva à afirmação de Krishnamurti (1980 p. 115-1) de que “ensinamos os jovens para ajudá-los a alcançar o autoconhecimento, sem o qual não pode haver paz nem felicidade duradoura. Ensinar não representa um preenchimento egoísta, mas abnegação”.

Aproximando-se dessa perspectiva integradora, Carvalho (2004, p. 95), ao tratar do dever de casa como integrante do processo de ensino-aprendizagem, indicou o modo como essa atividade “[...] afeta também a vida dos estudantes fora da escola e sua rotina familiar, pois supõe a conexão entre as atividades de sala de aula e de casa, e uma estrutura doméstica adequada apoiando as atividades escolares”. Ao falar sobre os conselhos de classe, Mattos (2005, p. 227) emitiu “[...] um alerta às escolas que encaram os Conselhos de Classe como um fórum privilegiado para a troca de informações sobre os alunos e as alunas e para o equacionamento de seus problemas pedagógicos”. Nesse alerta, os saberes de professores e alunos carecem de fundir-se, pois a responsabilidade de todas as partes envolvidas no processo pedagógico pode evitar que “[...] a insatisfação dos estudantes com o que essa instituição lhes proporciona” de acordo com Almeida (2012, p. 30) venha a ser outro problema a atingir o professor dentro das suas atividades, nas quais o processo de ensino-aprendizagem é realizado e o discurso pedagógico reafirmado.

3 Aspectos Metodológicos da Pesquisa

Inicia-se o trato dos aspectos metodológicos desta pesquisa considerando a abordagem de pesquisa qualitativa, como a que proporciona ao pesquisador uma orientação para o fenômeno que está sendo investigado (GIL, 2009; SILVA, 2010). Levam-se em conta também os contextos e os significados, como abordados por Flick, Kardorff e Steinke (2004). Especialmente no contexto de estudos organizacionais, essa abordagem pode ser utilizada na compreensão de como o mundo é vivido pelas pessoas, com vistas ao esclarecimento de aspectos referentes à natureza da experiência vivida.

Contextualiza-se a escolha do método fenomenológico, fundamentado pela busca da essência básica ou o significado subentendido essencial da experiência, com base em Creswell (2007) e pelo complexo emaranhado de contradições como afirmado por Boava e Macedo (2011). Importante salientar que essa abordagem propicia o resgate dos significados atribuídos, pelos sujeitos, ao fenômeno sob investigação, na visão de Vergara (2005).

Com a possibilidade de as pesquisadoras observarem diversas vezes os *locus* escolhidos para investigação, a estratégia de pesquisa, ficou atrelada a um estudo observacional em que o tipo de observação é indireto, não participante e de segunda mão, como caracterizado por Flick, Kardorff e Steinke (2004) e em que se faz uso de imagens como filmes, como mostrado por Bauer e Gaskell (2011). Antipof (1992, p. 61, *apud* Campos, 2003, p. 219) considerou que “[...] a observação é o método mais fértil em psicologia [...]”.

Com vistas a manter coerente o registro dos dados, adotou-se o uso de protocolos de observação destinados à orientação das pesquisadoras ao realizarem as coletas nos cinco filmes. O uso de protocolos foi defendido e reforçado por Cooper e Schindler (2003), Flick (2004), Gil (2009) e Yin (2010).

Quanto à análise fílmica, Denzin (1989; 2004) entendeu os filmes como textos visuais e destacou a importância da análise fílmica, sobretudo com relação à aproximação com a vida social. Nesta pesquisa foram tomados como *locus* para investigação cinco filmes em suas totalidades, quais sejam: 1) Meu Mestre, Minha Vida (1999); 2) Vem Dançar (2006); 3) Entre os Muros da Escola (2008); 4) Educação (2009); 5) Uma Professora Muito Maluquinha (2010).

Feitos os registros nos respectivos protocolos de observação, esses filmes foram investigados em dois distintos momentos: no primeiro, cada um deles foi assistido pelas pesquisadoras, sem interrupções, subtotalizando um tempo inicial de 541 minutos, correspondendo ao tempo de duração dos cinco filmes 1) Meu Mestre, Minha Vida (109 min.); 2) Vem Dançar (116 min.); 3) Entre os Muros da Escola (128 min.); 4) Educação (100 min.); 5) Uma Professora Muito Maluquinha (88 min.); no segundo, de modo a contemplar a obtenção da visão geral, a coleta dos dados e a depuração para a análise foram subtotalizados 2.164 minutos, distribuídos entre os cinco filmes. Assim, o investimento de tempo com esses filmes foi: 1) Meu Mestre, Minha Vida (545 min.); 2) Vem Dançar (580 min.); 3) Entre os Muros da Escola (640 min.); 4) Educação (500 min.); 5) Uma Professora Muito Maluquinha (440 min.), o que perfaz o total de 2.705 minutos distribuído entre o tempo total de cada filme, mais o tempo em que cada um foi visto para compor os respectivos protocolos de observação.

A estruturação da descrição das cenas-chave foi norteadada pelo objetivo desta pesquisa. As cenas foram transcritas seguindo-se os protocolos de pesquisa, alinhadas ao objetivo principal do estudo e tomando-se por base as proposições teóricas escolhidas. Esclarece-se que as cenas foram numeradas de acordo com seu aparecimento nos filmes, sendo registrado o tempo de duração de cada cena nos protocolos. O Quadro 1 apresenta a contextualização dos cinco filmes, tomados como *locus* desta pesquisa.

Quadro 1 – Contextualização dos *Locus* da Pesquisa

Filmes	Direção e Ano	Produção / Nacionalidade	Contexto
1) Meu Mestre, Minha Vida / Lean On Me	John G. Avildsen (1989)	Norman Twain Productions, Warner Bros. Pictures / Americana	Discurso pedagógico inserido numa escola em Paterson, New Jersey, a Eastside High School.
2) Vem Dançar / Take The Lead	Liz Friedlander (2006)	New Line Cinema, Tiara Blu Films / Americana	Discurso pedagógico inserido no sistema de ensino público de Nova York.
3) Entre os Muros da Escola / Entre Les Murs	Laurent Cantet (2008)	Haut Et Court, France 2 Cinéma, Canal+ / Francesa	Discurso pedagógico inserido em um colégio interno de Paris.
4) Educação / An Education	Lone Scherfig / Nick Hornby (2009)	Sony Pictures / Britânica	Discurso pedagógico inserido em um subúrbio de Londres em 1961 em uma escola preparatória.
5) Uma Professora muito Maluquinha / Uma Professora muito Maluquinha	André Alves Pinto e César Rodrigues (2011)	Downtown Filmes / Brasileira	Discurso pedagógico inserido na década de 40 em uma escola de cidade do interior de Minas Gerais, Brasil.

Fonte: Dados da Pesquisa

No que concerne à estratégia de análise dos dados, as mensagens extraídas das cenas dos filmes foram analisadas pela estratégia de fundamentação das proposições teóricas apresentadas, quais sejam, diferenças individuais e discurso pedagógico, tomadas essas proposições como categorias de análise, com base em Vergara (2005). Respaldo-se em Yin (2010), essa estratégia de análise ajuda a colocar em foco, os dados, a definir explicações e a orientar toda a análise dos filmes.

Recontextualiza-se que a literatura científica nacional nos últimos seis anos tem ajudado a justificar a contribuição da análise fílmica no campo de pesquisas da Administração, como visto, por exemplo, nos trabalhos de: Freitas e Leite (2015); Meira e Meira (2014); Amaral e Leite (2013); Machado e Matos (2012); Matos, Lima e Giesbrecht (2011); Leite e Leite (2010).

4 Apresentação e Análise dos Dados e Discussão dos Resultados

Nesta pesquisa, a apresentação dos dados está contida nos Quadros 2, 3, 4, 5 e 6, cada um deles representando um filme e contemplando três registros de cenas selecionadas para representar cada uma das proposições teóricas tomadas como categoria para análise: diferenças individuais e discurso pedagógico. Ressalta-se que a discussão dos resultados tomou por base as cenas dos filmes estudados, que se alinham com os dados das proposições teóricas deste artigo, cenas essas contidas delimitadamente nos respectivos quadros.

Quadro 2- Apresentação dos dados empíricos do filme ‘Meu Mestre, Minha Vida’

Registros	Descrição das Cenas Selecionadas	
	Diferenças Individuais	Discurso Pedagógico
1	O conselho da Escola Eastside, em reunião fechada, demite o Prof. Joe Clark, pois isso lhes traria mais dinheiro para a escola e os ajudaria a pagar as contas. Nessa reunião houve uma oferta feita pelo prefeito, alegando que esse professor era muito polêmico em seus métodos e atraía muita atenção pública.	O Prof. Joe Clark leciona na Escola Eastside, considerada uma das melhores escolas em 1967. Em suas aulas e incentiva seus alunos com debates potentes entre meninos e meninas. Exige o potencial que cada um tem dentro de si e estimula a competição saudável.
2	20 anos depois, em reunião do prefeito com seus assessores, ouve-se a informação que, se nenhuma atitude for tomada o estado lhes tomará a Escola Eastside, pois ela se encontra na pior colocação entre as escolas. Decidem chamar o Prof. Joe Clark para ser o novo diretor e ajudar na retomada do controle.	Na primeira reunião com os professores, o Diretor Joe Clark deixa claro que tomará todas as decisões, pois, se os presentes tivessem capacidade ele não teria sido chamado. Pede para o zelador tirar as gaiolas do refeitório e não tratar os alunos como bichos. Assevera: “isso é uma instituição de ensino, disciplina não é inimiga do entusiasmo”.
3	Ao receber o resultado do teste dos seus alunos, abaixo da média com 33% do resultado, sendo a média de corte de 75% para aprovação, o Diretor Joe Clark faz uma reunião com os professores e lhes diz que eles estão apáticos, terão que envolver pais e alunos para melhorar as notas, e que, a falha é dos professores, pois não preparam suas aulas, deixam os alunos entregues à própria sorte e, arremata que, se amanhã vierem a ser assaltados por esses mesmo alunos a culpa é deles, professores.	Na reunião com o conselho de pais, uma mãe de aluno expulso se revolta contra o Diretor Joe Clark e suas atitudes autoritárias. Ele então responde que fará tudo o que for preciso para melhorar a escola, apesar do desafio.

Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados observados no filme

O Quadro 2 mostra, tanto no que tange às diferenças individuais quanto ao discurso pedagógico, o que foi alertado por Mattos (2005, p.219) “tanto o discurso quanto a prática das professoras são construídos como se a incapacidade cognitiva fosse inerente ao aluno(a)”. Nessa prerrogativa, começa a deixar clara a questão de como construir a confiança nos ambientes educacionais. De como atuar com ousadia para lidar com outro fator que implica a forma de educar cada indivíduo com liberdade e autonomia; disciplina e responsabilidade; alegria e leveza. De como perceber esse fator, sob tão árido ambiente. E, como afirmado por Coelho (2008, p. 243-244), “[...] quanto mais capacitação os professores recebem em aprendizagem pela prática e sobre o conteúdo, mais provavelmente eles se engajarão em

promover ensino-aprendizagem ativo, que estimula estudantes a crescer independentemente de seus *backgrounds*”.

Relevante notar que as mesmas diferenças individuais que serviram de argumento para conduzir à demissão do Prof. Joe Clark foram as mesmas que o levaram a ser reconduzido, 20 anos depois, para ajudar a recolocar a Escola Eastside em ordem. Fernandes (2003, p. 11) considerou que “todas as pessoas são diferentes umas das outras, incompletas, imperfeitas e assim se faz a caracterização de seres humanos [...]”. Arroyo (2008, p.129) alertou que “[...] a inovação e a transgressão podem passar por recuperar a simplicidade da pedagogia. Voltar aos valores básicos pode ser o caminho para mudar o sistema de valores mercantis e utilitaristas impostos ao magistério”.

Quadro 3- Apresentação dos dados empíricos do filme ‘Vem Dançar’

Registros	Descrição das Cenas	
	Diferenças Individuais	Discurso Pedagógico
1	No baile anual de inverno, Academia Dulaine escola de dança toca músicas clássicas e alunos dançam profissionalmente tudo muito organizado. Na escola da periferia John Drake a música tocada é o rap alunos dançam aleatoriamente. Na entrada do baile o aluno Jason Rockwell quer entrar e, com seu ingresso amassado sua entrada não é permitida. A Diretora Augustine lhe explica que é menos pelo ingresso e mais pelo comportamento.	A Diretora Augustini, na Escola John Drake apresenta o Pof. Pierre Dulaine aos alunos da detenção e lhes fala terão que fazer tudo que o professor disser. um aluno responde isso é o que você pensa. O professor se apresenta e fala sobre sua formação. Pergunta o nome dos alunos, que o ignoram. Ao dirigir-se a cada um em específico, aos poucos fica sabendo seus nomes. Os alunos lhe perguntam do que, afinal, ele é professor. Ao ouvirem dança de salão, todos riem.
2	Segunda aula de dança o Prof. Pierre coloca música clássica, começa a dançar e descreve a história da dança. Pedir aos alunos que levantem para ouvir a música, então lhes mostra como a dança pode ser algo nobre, que mostra força e romance. Um aluno fala sobre a diferença entre brancos e negros. O Prof. fala do esforço indiscriminado para conquistar o que se quer.	Alunos da Jhon Drake mostram para o Prof. Pierre como trabalhar com dois ritmos juntos. Falam que parece confuso, mas ele verá que vai dar certo. O professor fica na dúvida, mas acaba se concordando e diz que parece legal.
3	Professor Pierre conversa com a Diretora para evitar deixar Rock e Larhette suspensos por um incidente, colocando-os para dançar juntos. Explica que todo dia vão se encontrar as 07h30min da manhã e vão ter aulas particulares. Conversa com Rock e Larhette sobre suas divergências e os deixa treinando a dança, sozinhos.	O Prof. Pierre conversa com seus alunos da Escola Jhon Darke e lhes pede que eles não desistam de participar do concurso de dança. Diz-lhes que a dança deles está ficando muito boa, só precisam se aplicar, pois, competir em qualquer nível é difícil, mas só depende deles. Afirma-lhes que os olha e vê talentos prontos para desabrochar e nenhum rejeitado. Então um após o outro os alunos se levantam e firmam o compromisso para participarem.

Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados observados no filme

O Quadro 3 indica a possibilidade de concretização do que foi dito por Krishnamurti (1980, p. 97): “a educação correta pode ajudar o estudante não só a desenvolver suas aptidões, mas também a compreender aquilo que lhe desperta maior interesse. [...] a educação correta está em nossas próprias mãos, nas mãos dos pais e dos mestres”. Esse despertar pode levar à flexibilidade e à eficiência e à eficácia do discurso pedagógico pelo professor e, para o estudante, a interiorizar a educação. Esse argumento está alinhado ao de Contreras (2002, p.129), em que “o desenvolvimento de valores educacionais não pode se realizar a partir das intuições ou sabedorias que surgem fora da própria prática se não houver professores dispostos a participar das ideais que alimentam essas posições”.

Também o Quadro 3 está alinhado ao que foi trazido por Blasco (2006, p.26) sobre o fato de que “a sinceridade e a franqueza do educador são desafio e condição de eficácia nos projetos educacionais que sintonizam com as noções, dos alunos”. E, como é afirmado por Muller (2006 p. 90) “a construção da autoconfiança não é apenas o fim da educação, mas também o meio. [...] O professor deve apelar à criatividade dos alunos e ter a ousadia de perguntar a eles que soluções proporiais”.

Quadro 4- Apresentação dos dados empíricos do filme ‘Entre os Muros da Escola’

Registros	Descrição das Cenas	
	Diferenças Individuais	Discurso Pedagógico
1	Encontro do professor François com as famílias dos alunos, em que o discurso de cada família muda, porém todos querem o melhor para seus adolescentes. Há empecilhos do idioma em algumas famílias. Na reunião de pais o professor fala do aluno Wey que tem boas notas 13 em matemática, porém em francês a nota cai para 9, seus pais o defendem falando que ele ainda não fala bem o francês e eles são chineses.	Na 1ª reunião dos professores cada membro da escola se apresenta e fala há quanto tempo está na escola. Primeiro dia de aula, o Prof. François tenta organizar a sala e por ordem nos alunos, que o corrigem e questionam.
2	O pai de Nassim diz que gostaria que ele fosse longe aos estudos, pois não conseguiu estudar muito e quer ter orgulho de seu filho e, para isso ele deve ser responsável. A mãe de outro aluno diz que gostaria que seu filho estudasse em uma escola particular, pois assim seu filho aprenderia mais, os professores da escola particular saberiam cobrar mais de alunos mais interessados.	O Prof. François pede a aluna Khoumba para que espere depois da aula para conversar e pedir desculpas pela falta de respeito no episódio da recusa da leitura.
3	No laboratório de informática o Prof. François olha o trabalho realizado pelos alunos e diz a Souleymane que se ele colocasse legenda nas fotos ficaria muito melhor. Quando Souleymane termina o Prof. François pendura seu autorretrato no mural e diz: “Quando um aluno faz uma coisa boa quero que toda a classe veja.”	Entrega dos autorretratos, Prof. François auxilia de perto cada trabalho, elogiando e incentivando, principalmente o autorretrato do aluno Souleymane. Em uma de suas aulas o professor François proporciona um debate entre os alunos para que eles exponham seus pontos de vista, falem do que mais gostam e do que não gostam.

Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados observados no filme

O Quadro 4 ilustra situações em que a equipe do (Prodoc, 2008, p.123-124) se refere à troca entre docentes e discentes, em que “os mestres e mestras vão se fazendo em relação educativa, intersubjetiva, que funda e instaura a própria condição e identidade docente. Uma relação em que educadores e educandos se educam mutuamente”.

Nas reuniões com as famílias fica muito nítido o argumento de Almeida (2012, p. 39), quando defendeu que “cada estudante tem sua história de vida e suas expectativas, que interferem nas posições que assume em sala de aula, posições que fazem parte das condições imediatas intervenientes no discurso pedagógico do professor”. A essa defesa há de ser acrescida ainda outra consideração, trazida por Mattos (2005, p. 221): “[...] a primeira constatação [...] é a grande intolerância das professoras com relação às diferenças individuais dos alunos [...]” A explicação reside no fato trazido por Correia e Dias (1998, p. 115), “[...] o professor ainda é o protagonista do processo de ensino-aprendizagem, pois constitui a principal fonte de conhecimento e de experiência e é o responsável máximo pela sua transmissão”. Não

só essa perspectiva é unilateral, como injusta e inadequada ao processo de desenvolvimento humano, quaisquer que sejam os campos do conhecimento. Com essa perspectiva, muitos talentos vêm sendo cerceados nas instituições de ensino e não mais se pode conceber essa forma de atuação profissional.

Quadro 5- Apresentação dos dados empíricos do filme ‘Educação’

Registros	Descrição das Cenas	
	Diferenças Individuais	Discurso Pedagógico
1	Jenny ouve seu pai reclamar sobre sua nota de latim, a sua mãe Marjorie tentar defendê-la e ele responder que não é o bastante, pois assim não conseguiria entrar em Oxford e ele estaria jogando dinheiro fora. A mãe a defende e diz que podem pagar aulas particulares e seu pai diz que dinheiro não dá em arvores.	Na primeira cena já mostra as garotas da Escola aprendendo a ter postura com livros sobre as cabeças, mostra também as alunas dançando e aprendendo a fazer comida sob a supervisão de uma professora.
2	Na noite do aniversário de Jenny sua mãe Marjorie faz um bolo para comemorar e convida Graham um jovem pretendente de Jenny, porém seu pai se mostra contrariado ao convite feito ao rapaz depois dos parabéns Jenny ganha os presentes, do jovem e de seu pai, dois dicionários de latim. A campânia toca é David trazendo uma pilha de presentes para Jenny e um vaso de rosas para a senhora Marjorie. O jovem Graham, constrangido, pede licença, sob o pretexto de ir estudar. David convida a família Millar para ir a Paris, senhor Millar agradece e diz que não pode ir, mas acaba se deixando convencer a deixar Jenny ir sozinha.	Na volta de sua viagem a Paris Jenny traz um perfume Chanel para sua Profª Stubbs, que agradece, mas recusa dizendo “eu sei de onde veio e se eu aceitar estaria traíndo a nós duas, você pode fazer o que quiser de sua vida sabe disso é inteligente bonita, mas será que esse seu namorado está interessado nesta Jenny?” E completa dizendo: Jenny “vá para Oxford haja o que houver, pois se não for vai me desapontar”. Jenny pergunta o que adiantou ela estudar em Cambridge e terminar em uma escola falando de pôneis? Ela sim já viajou foi a restaurantes foi a clubes de Jazz, assistiu a filmes maravilhosos e ouviu boa música e termina falando que o importante é o que se faz antes da formatura.
3	Na sala de aula a Profª Stubbs pede para Jenny tirar o anel de noivado, pois conhece as regras de não usar jóias e Jenny rebate que as outras alunas também o fazem e a professora responde que nenhuma delas vai arruinar a sua vida por isso. Jenny diz que ela tem uma diferença de opinião quanto a isso. Jenny procura a Profª Stubbs em sua casa, que a recebe dizendo que não esperava vê-la novamente. Jenny diz que sente muito por ter dito aquelas bobagens, e que não entendia, então pede: senhorita Stubbs me ajude, a professora então responde: eu estava torcendo para que dissesse isso.	Na sala da Diretora Jenny é questionada sobre seus planos ridículos como diz a diretora, e acrescenta você já marcou a data já escolheu a igreja, Jenny responde rispidamente que não irão se casar em uma igreja, pois David é judeu. A diretora a lembra que ninguém faz nada sem um diploma e Jenny responde que nem com diploma pelo menos não as mulheres. A diretora então pergunta se o que ela e as professoras fazem não tem valor? Jenny reponde que entre estudar para ter um futuro enfadonho e se casar com um judeu ela prefere o casamento, e diz que a diretora tem argumentos fracos para explicar para que serve toda essa educação.

Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados observados no filme

O Quadro 5 elucida que, com ênfase dada a esses aspectos relembra-se o que foi afirmado por Correia e Dias (1998, p. 120) sobre o fato de “[...] as diferenças individuais e a diversidade cultural podem ser usadas para enriquecer e reforçar o ambiente de aprendizagem no sentido do desenvolvimento da tolerância e da aceitação da diferença”.

Do mesmo modo, no que tange ao discurso pedagógico, atenta-se para o que Blasco (2006, p. 23-24) afirmou que “é possível incorporar um conhecimento técnico ou mesmo treinar uma habilidade sem refletir sobre elas; mas é impossível adquirir valores, progredir em virtudes, incorporar atitudes, sem uma prévia reflexão”.

Quadro 6 - Apresentação dos dados empíricos do filme ‘Uma Professora Muito Maluquinha’

Registros	Descrição das Cenas	
	Diferenças Individuais	Discurso Pedagógico
1	A Profª Catarina escreve uma mensagem no quadro negro que dizia que “embaixo da ultima carteira tem um presente quem ler primeiro pode levantar e pegar o presente”. O Menino Luizinho acordando para o primeiro dia de aula, andando até a escola e sua mãe falando da importância de ir para a escola.	A Profª Catarina continua dizendo “agora vocês vão gostar de ler” e distribui “gibi” para seus alunos lerem.
2	A Professora conversa em particular com as meninas. Quando terminar a aula as meninas que quiserem conversar podem ficar!	Passeio dos alunos e Profª Catarina fora da escola, ampliando os horizontes da sala de aula. A professora convida o professor Mario para ir a um passeio ao ar livre e levarem sua sala para desenhar o que irão ver as colinas, os rios, as serras e os picos. O aluno Luizinho diz: “naquele dia ela nos ensinou que a sala de aula poderia ser do tamanho do mundo inteiro”.
3	Reunião das professoras, Profª Catarina diz que seus alunos não precisam fazer prova, pois estão preparados. Com isso as outras professoras se revoltam e saem da sala.	A professora Catarina usa filme para ensinar os alunos, ensina seus alunos a cantarem a tabuada. No cinema professora diz: Vai ganhar um livro que descobrir um palavra escrito errado aqui no telão. A professora que nos ensinou o que é felicidade, diz aluno Luizinho.

Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados observados no filme

O Quadro 6 apresenta o conflito de protagonismo na escola., em que uma professora é hostilizada por lidar com os alunos de modo centrado neles. Correia e Dias (1998, p. 117) mostraram a perspectiva capaz de mudar esse cenário: “o professor abandona o seu protagonismo na relação ensino-aprendizagem e passa a ser uma personagem que pensa e estrutura situações de aprendizagem em colaboração com os alunos”. Entretanto, Mattos (2005, p. 227) alertou “[...] para o fato de, com frequência, esses alunos e alunas se tornarem vítimas do despreparo dos professores em lidar com a complexidade da situação pedagógica”. Como argumentado por Libâneo, (2012, p. 26) “[...] é preciso considerar que essa função primordial da escola – a formação cultural e científica – destina-se a sujeitos diferentes, já que a diferença não é uma excepcionalidade da pessoa humana, mas condição concreta do ser humano e das situações educativas”.

A confiança entre educadores e educandos passa também pela responsabilidade da instituição. Nesse sentido Contreras (2002, p.131) afirmou: “[...] os conflitos sociais sobre o ensino e seus sentidos são inevitavelmente conflitos que se interiorizarão na profissão.” E nenhuma das partes deve fugir à participação e à responsabilidade para que a transmissão do conhecimento seja realizada sem barreiras ou qualquer interferência. Os conflitos também geram soluções e permitem sua contribuição para que as barreiras ao conhecimento caiam ou perciam a importância. A bagagem de cada profissional e a experiência da instituição se fundem, ao invés de se oporem para que o discurso pedagógico seja fácil e claro. Na escola em que a Profª Catarina lecionava, mostrava claramente o que foi dito por Cunha (2006): “assim o poder vincula-se às relações que se instituem na prática pedagógica e o controle refere-se aos dispositivos do discurso pedagógico que regula [...]” essas relações.

Partindo-se da consideração de que a aproximação dos filmes com a realidade, por intermédio da linguagem fílmica, e a influência que os docentes exercem na preparação dos discentes, o objetivo deste artigo foi investigar como são tratadas as diferenças individuais com

base nos discursos pedagógicos dos cinco filmes escolhidos. O Quadro 7 apresenta um desafio de cada proposição teórica escolhida e, para cada filme analisado foi marcado o status encontrado, em que (P) indica a presença do desafio e (A), a ausência desse desafio.

Quadro 7: Análise Geral dos Filmes, à luz das Proposições Teóricas

Proposições Teóricas-Chave	Presenças (P) ou Ausências (A) nos Filmes				
	Filme 1	Filme 2	Filme 3	Filme 4	Filme 5
<p>Diferenças Individuais Libâneo, (2012, p. 26) “[...] é preciso considerar que essa função primordial da escola – a formação cultural e científica – destina-se a sujeitos diferentes, já que a diferença não é uma excepcionalidade da pessoa humana, mas condição concreta do ser humano e das situações educativas”.</p>	(P)	(P)	(A)	(A)	(A)
<p>Discurso Pedagógico Blasco (2006, p. 37) “[...] minha proposta atual é a de buscarmos, professores e alunos, um discurso pedagógico que seja pelo menos polêmico e que não nos dirige a nos despirmos de tudo que é vida lá fora ao atravessarmos a soleira da porta da escola”.</p>	(P)	(P)	(P)	(A)	(A)

Fonte: Elaborado pelas autoras, com base nos dados observados nos cinco filmes

5 Considerações Finais

A breve revisão da literatura, acerca das diferenças individuais e do discurso pedagógico veio a ratificar a possibilidade de usar a estratégia de análise dos dados com base nas proposições teóricas apresentadas e, concomitantemente revisitar as perspectivas de estudos observacionais em análise fílmica. Com essas possibilidades, houve identificação de evidências, em todos os cinco filmes, do longo caminho ainda a ser percorrido para que as diferenças individuais e o discurso pedagógico possam ser reconhecidos como promotores de um processo salutar e revitalizador de ensino-aprendizagem, considerando-se a perspectiva de utilização desses *locus* de pesquisa como próximos da realidade social.

Os protocolos de observações de todos os cinco filmes estão ricos de registros com os quais as pesquisadoras ainda entendem como espaços para prosseguirem. Contudo, considera-se cumprido por esta pesquisa o papel de mobilizar a atual agenda de pesquisas, capaz de fornecer caminhos para estudos que envolvem a utilização de recursos estéticos e, em especial, estudos observacionais em análise fílmica, no campo da Administração.

No entanto, os resultados aqui obtidos carecem de cuidado para o aprimoramento de investigações futuras, pois, reconhecem-se limitações, próprias desses estudos observacionais indiretos. Entretanto, também são reconhecidas as possibilidades de avanços teóricos e empíricos que poderão advir com as perspectivas que se abrem, ao ser encerrada esta pesquisa. Fatores considerados contributivos para a utilização da linguagem fílmica, como objeto de investigação científica, no campo da Administração, assim como o uso adequado da estratégia de análise dos dados com base nas proposições teóricas apresentadas.

Os resultados deste estudo apontam para a necessidade de se observar que os dados, tanto verbais como não verbais, apresentados nas cenas dos cinco filmes analisados podem vir a contribuir para ampliar o conhecimento sobre para a revitalização do processo de ensino-aprendizagem e pesquisa em Administração tendo como base as diferenças individuais.

Referências

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ALMEIDA, M. J. P. M. Discurso pedagógico e formação de professores das ciências da natureza: foco no professor de física. **Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, v. 5, n. 2, p. 29-41, 2012.
- ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar** – campinas SP: Papirus, 2009
- AMARAL, I. G.; LEITE, N. R. P. Tomada de decisão baseada em análise de dados e fatos: um estudo observacional à luz do filme ‘doze homens e uma sentença’. **10th International Conference on Information Systems and Technology Management – CONTECSI**, São Paulo, Brazil, 2013.
- ARROYO, M. G. Uma celebração da Colheita. In: **A Escola vai ao cinema**. Teixeira, Inês Assunção de Castro; Lopes, José de Souza Miguel (org). P.125-135. Belo horizonte: Autêntica, 2008
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BLASCO, G. P. **Educação da afetividade através do cinema**. Curitiba: Instituto de Ensino e Fomento, 2006.
- BOAVA, D. L. T.; MACEDO, F. M. F. Contribuições da fenomenologia para os estudos organizacionais. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 9, edição especial, artigo 2, p. 478-487. Rio de Janeiro: FGV, Jul. /2011.
- CAMPOS, R. H. F. Helena Antipoff: razão e sensibilidade na psicologia e na educação. **Estudos Avançados**, v.17, n.49, p. 209-231. Belo Horizonte: 2003.
- CARVALHO, M. E. P. Escola como extensão da família ou família como extensão da escola? O dever de casa e as relações família-escola. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 94-104. João Pessoa: Jan. /Fev. /Mar. /Abr./ 2004.
- Carvalho, R. I. B. **universidade midiaticizada: Uso da televisão e do cinema na educação superior**. Brasília: Editora Senac, 2007.
- CÉSAR M. R. A. A. **Invenção Da Adolescência No Discurso Psicopedagógico**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- CONTRERAS, J. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.
- CORREIA, A. P. S.; DIAS, P. A evolução dos paradigmas educacionais à luz das teorias curriculares. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 11, n. 1, p. 13-122. Portugal: Universidade do Minho, 1998.

COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em Administração**. Porto Alegre: Bookman, 2003.

CRESWELL, J. W. **Qualitative Inquiry and research design: choosing among five traditions**. California. Thousand Oaks: Sage, 2007.

CUNHA, M. I. "Diferentes olhares sobre as práticas pedagógicas no ensino superior: a docência e sua formação." **Educação**, v. 27 n .3, 2006.

DAVEL, E., VERGARA, S. C., Ghadiri, D. P. (Orgs). **Administração com arte: experiências vividas de ensino-aprendizagem**. São Paulo: Atlas, 2007.

DENZIN, N. K. Reading film: using films and videos as empirical social science material. In: Flick, U.;Kardorff, E. Von e Steinke, I. **A companion to qualitative research**. California: Sage Publications Inc. 2004.

Educação. Direção: Lone Scherfig; Nick Horbny. Produção: Sony Pictures. Inglaterra, 2009.

Entre os Muros da Escola. Direção: Laurent Cantet. Produção: Haut Et Court. France 2 Cinéma. França, 2008.

FLICK, U.; VON KARDORFF, E.; STEINKE, I. What is qualitative research? An introduction to the field. **A companion to qualitative research**, p. 3-11, 2004.

FREITAS, A. D. G; LEITE, N. R. P. Linguagem fílmica: Uma metáfora de comunicação para a análise dos discursos nas organizações. **Revista de Administração-RAUSP**, v.50, n.1, p.89-104. São Paulo: FEA-USP, 2015.

GIL, A. C. **Estudo de caso**. São Paulo: Atlas, 2009.

IPIRANGA, A. S. R. A narração fílmica como instrumento da ação formativa: um enfoque semiótico. **Organizações & Sociedade**, v. 12, n. 32, 2015.

KRISHNAMURTI, J. **A educação e o significado da vida**. São Paulo: Editora Cultrix, 1980.

LEITE, N. R. P., LEITE, F. P. A linguagem fílmica na formação e no fortalecimento de grupos, equipes e times de trabalho: aplicações do estudo observacional. **Revista de Gestão da USP-REGE USP**, v.17, n.1, p.75-97. São Paulo: FEA-USP, 2010.

LIBÂNEO, J. C. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. **Educação e Pesquisa**, v. 38, n. 1, p. 13-28. São Paulo: 2012.

Machado, D. Q., Matos, F. R. N. (Orgs). **Estudos observacionais em linguagem fílmica**. Curitiba: CRV, 2012.

MATOS, F. R. N., LIMA, A. C., GIESBRECHT, C. M. O óleo de Lorenzo: estudo observacional das relações de poder no campo científico. In: Machado, D. Q., MATOS, F. R. N. (Orgs). **Estudos observacionais em linguagem fílmica**. Curitiba: CRV, 2012.

MATTOS, C. L. G. O conselho de classe e a construção do fracasso escolar. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 2, p. 215-228, São Paulo: Mai./Ago./2005.

MEIRA, F.B.; MEIRA M. B. V. A cultura de belezas americanas: gestão de pessoas discurso e sujeito. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 12, n.1, artigo 8, p.163–177. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

Meu Mestre, Minha Vida. Direção: John G. Avildsen. Produção: Norman Twain Productions, Warner Bros. Pictures. Estado Unidos, 1989.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A Linguagem e seu Funcionamento: As Formas do Discurso**. Campinas, SP. Pontes Editores, 2011.

PRODOC/ FRE/UFMG In: **A escola vai ao cinema Núcleo de Estudo a Pesquisa sobre Profissão Professor**. O Jarro: Uma metáfora do professor? p.115-124. Belo Horizonte; Autêntica, 2008.

QUEIROZ M. D., IPIRANGA, A. S. R., MATOS, F. R. N. “Quero matar meu chefe”: Retaliação e ações de assédio moral. **Revista Pretexto**, v. 14, n. 1, 52-70, 2013.

SILVA, A. B. A fenomenologia como método de pesquisa em estudos organizacionais. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELO, R.; SILVA, A. B. (Orgs.) **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais- paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2010.

Uma Professora muito Maluquinha. Direção: André Alves Pinto e César Rodrigues. Produção: Downtown Filme, Brasil, 2011.

Vem Dançar. Direção: Liz Friedlander, Produção: New Line Cinema, Tiara Blu Films. Estados Unidos, 2006.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

YIN, R. Estudo de Caso: **Planejamento e Métodos**. 4ª Ed. Porto Alegre: Bookman, 2010

ZIRALDO; G., M. **Uma Professora Muito Maluquinha**. Brasil: Downtown Filmes, 2010.